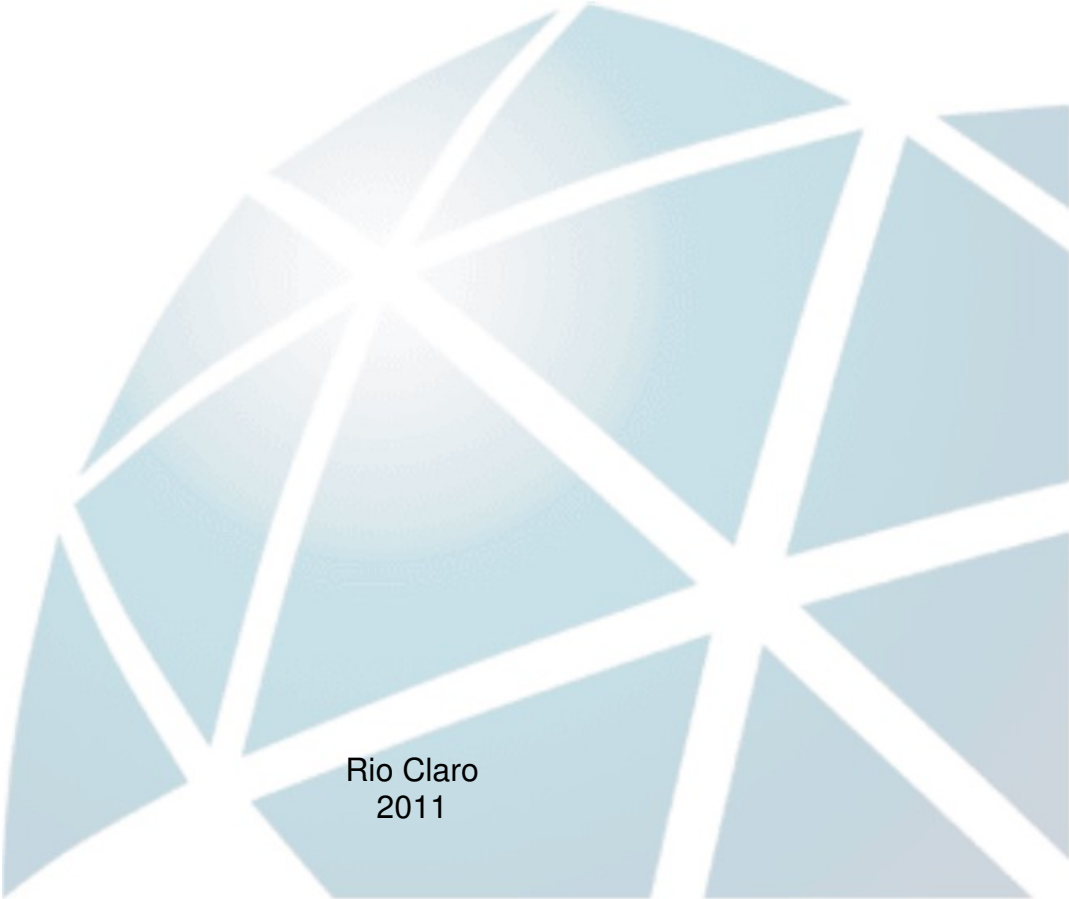

EDUCAÇÃO FÍSICA

BRUNO DO PRADO SANTOS

**INFLUÊNCIA DA TORCIDA SOBRE O
DESEMPENHO DE ATLETAS DE
VOLEIBOL**



Rio Claro
2011

Bruno do Prado Santos

INFLUÊNCIA DA TORCIDA SOBRE O DESEMPENHO DE ATLETAS
DE VOLEIBOL

Orientador: AFONSO ANTONIO MACHADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2011

796.325 Santos, Bruno do Prado
S237i Influência da torcida sobre o desempenho de atletas de
vôleibol / Bruno do Prado Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2011
34 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Vôleibol. 2. Psicologia. 3. Esporte. 4. Competição. I.
Título.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço todos os dias à Deus pela vida que tenho e por me dar essa oportunidade de me formar em uma ótima universidade. Mostrou-me os caminhos corretos a seguir e graças a Ele cheguei onde estou.

Pai e Mãe.. quer dizer, Papai e Mamãe porque é assim que os chamo até hoje, tenho muito o que agradecer a vocês, duas pessoas que me deram forças para estudar, sair de casa, encarar o mundo de um jeito único. Alexandra.. sempre me cobrando em andar por linhas retas e isso me dá forças para crer que Nele temos toda graça necessária. Valdecir.. me incentiva a entrar de cabeça nas oportunidades, me mostra garra e ao mesmo tempo tranquilidade.

Tios e tias, primos e primas, irmãos e irmãs, essa família gigantesca que somos e todos sempre me deram a maior força, principalmente por ser “um dos mais velhos entre os mais novos”, o primeiro a sair de casa e ser exemplo para os outros. E em particular ao Tio Re, com quem morei o primeiro semestre da faculdade e me ajudou sempre que precisei.

Amigos que apesar de distantes não deixaram que nossa amizade acabasse em especial a Jéssica Lucietto e Eduardo Coelho que estiveram comigo em quase todos os finais de semana que voltei para casa.

Obrigado aos amigos do 4º BLEF, porque nós somos sim uma ÚNICA turma sem distinção entre quem é UM e quem é DOIS, e única também por tudo o que passamos juntos, pelas briguinhas, pelas risadas e tudo mais. E dessa turma toda os que estiveram mais próximos de mim: Dani Reis, Luquinha, Vinão, Bruna e Rodrigo.. Rodrigo?? Ah, o Japinha! rs. Quantos almoços juntos, esquentas, baladas, e sempre muita, mas muuuita risada, sem vocês minha facul não teria sido tão boa!

Rep. Vegas que me acolheu muito bem, Hamtaro, Franz, Xandão, Duah e Jig Bixão! Muitas palhaçadas que fizeram parte do famoso Mural da Vegas, risadas demais com todos vocês.. e não poderia esquecer do Goldpirse que pega minhas roupas do varal e faz xixi na roda da minha moto ㄟㄟ

Apesar de recente, agradeço a Déborah, que me deu umas forças extras para correr atrás de fazer as coisas, me fez acreditar que dava. É sempre bom ter o lado racional do relacionamento! Te amo!

Silvia Deutsch!!! Me aguentou bastante em sua sala comendo dadinhos! #megusta. E me ajudou bastante também com conversas, conselhos, me levou para viajar, me mostrou que a dança de salão e o yoga são coisas legais, na verdade muito legais e o mais importante: a gente nunca tem nada para fazer!

Agradeço ao Dr. Afonso Antonio Machado, ou para mim Afonfo, pois foi mais que um orientador, me ajudou demais, teve toda a paciência do mundo comigo, me fez dar risadas, me fez ficar com a pulga atrás da orelha, e me puxou para fazer o que devia. Obrigado por fazer parte desse caminho! Obrigado a todos, de coração!

Resumo

O contexto esportivo tem sido marcado por um número crescente de torcedores, sendo esses algumas vezes apaixonados por esporte, ou meros curiosos que acompanham matérias jornalísticas, os mesmos torcedores que vibram nos momentos de vitória e vão nos momentos de derrota. Podemos dizer que essa torcida poderá desequilibrar o atleta a ponto de interferir em seu desempenho e levá-lo a uma ansiedade capaz de gerar outras fortes tensões, perdendo totalmente o controle da situação pela qual está passando. As equipes desportivas devem dar uma importância maior para a preparação psicológica dos atletas em função do modo como os fatores psicológicos, os agentes causadores de estresse e a baixa auto-estima causam interferência no cotidiano de um atleta. E essa preparação é sempre colocada em segundo plano quando comparada a preparação física, técnica e tática. Este estudo tem como objetivo analisar qualitativamente qual a influência que a torcida pode exercer sobre o desempenho de atletas de voleibol durante uma partida, seja ela disputada com a torcida incentivando ou tentando atrapalhar os jogadores. Em pesquisa documental (uma entrevista feita em 1997), cujos dados encontram-se armazenados no LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, IB/UNESP, sob código DEF/UNESP/MCZ/97, coletados em campeonatos esportivos, no estado de São Paulo, incluindo jogos oficiais da Secretaria de Esportes e Campeonatos Esportivos Universitários por equipe de pesquisadores do laboratório, percebeu-se que tanto em turmas de treinamento, como em jogos entre classes ou entre escolas é que uma primeira preocupação fica mesmo por conta do jogar para ganhar, seguida da intenção de se fazer um bom papel, uma bela figura. Os depoimentos citados mostram que os alunos são breves espelhos de seus professores, quando são bem motivados com palavras como “temos uma boa equipe e não precisamos apelar” os alunos jogam dentro dessas normas, porém, quando são instruídos para “ganhar a qualquer custo” é isso que fazem. Consideramos que a competição esportiva escolar confronta níveis de performance, de maturação, de desenvolvimento agonístico de grupos de uma preparação duvidosa, tomando por base o tempo de envolvimento com a modalidade, as interferências feitas pelo professor de Educação Física e a própria formação deste, além da forma como o meio social valorizando o resultado do ato de competir. O valor colocado na competição, os padrões usados para estabelecer as comparações, enquanto se está competindo e as consequências do ato de competir dependem exclusivamente do contato social.

Palavras-chave: torcida, desempenho, psicologia

Sumário

INTRODUÇÃO	1
REVISÃO DE LITERATURA	3
HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DA MODALIDADE.....	3
A TORCIDA.....	12
DESEMPENHO.....	15
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
DADOS COLETADOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	29

INFLUÊNCIA DA TORCIDA SOBRE O DESEMPENHO DE ATLETAS DE VOLEIBOL

Introdução

Ao analisarmos o problema da torcida, gerando a agressão e a ansiedade no esporte, além de outros transtornos emocionais, temos plena consciência da dificuldade de recepção por parte daqueles que se encontram impregnados pela visão idealista da existência, especialmente dependente, neste caso, das tradições da luta pela vida, já há muito tempo liquidadas cientificamente, mas que continuam a dominar a visão preponderante na formação dos educadores.

Falar da ansiedade e da agressividade no espetáculo esportivo é tocar em dois fenômenos complexos e sensíveis, protagonistas de uma longa controvérsia: o esporte, com sua estranha textura, está longe de ser compreendido em toda sua trama, e a agressão e ansiedade, questões pendentes há muito tempo na existência humana, hoje se manifesta com formas cada vez mais terríveis, na sociedade contemporânea e, em nosso caso, em especial, acreditamos que por intermédio da torcida.

O significado preciso que a prática esportiva tem para o indivíduo está ainda para ser determinado e, talvez, jamais se poderá compreendê-lo em toda a sua complexidade. Além disso, deve-se considerar, também, toda a

personalidade atlética que está em causa, assim como a resposta a diferentes e complexas necessidades conjuntas com suas opostas e desiguais e, em alguns casos, obscuras funções, que o esporte pode preencher. Junte-se ainda a influência determinante do meio em que o jogo tem lugar e, em relevância, os espectadores que o assistem.

Desta forma, nossa pesquisa buscará investigar as questões relativas ao desenvolvimento do Voleibol, seus atores e suas modificações, por meio de uma pesquisa documental, usando como instrumento alguns dados coletados e em arquivos do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte do DEF- IB- UNESP, campus de Rio Claro.

Esta pesquisa documental realizada num pacote de dados coletados por meio de entrevista, em 1997, encontra-se armazenada no LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, IB/UNESP, sob código DEF/UNESP/MCZ/97, coletados em campeonatos esportivos, no estado de São Paulo, incluindo jogos oficiais da Secretaria de Esportes e Campeonatos Esportivos Universitários por equipe de pesquisadores do laboratório.

Revisão de literatura

Criado por William Morgan, o vôlei surgiu no fim do século XIX na cidade de Massachusetts, Estados Unidos. Morgan, diretor de Educação Física da sede local da Associação Cristã dos Moços (ACM) queria algo novo para a grade curricular, então pensou em ensinar o basquete. Mas pelo fato da ACM ser frequentada principalmente por pessoas mais velhas, o basquete era um esporte muito violento devido à necessidade constante do contato físico.

Pensando em inovar, começou a buscar um jogo apropriado a seu público e partindo de que o tênis necessitava de rede, raquetes e bolas, tornando-se de difícil prática, William não descartou a ideia da rede, mas levantou-a do chão. Contudo, ainda era necessária uma bola para a prática do jogo, e entre as candidatas, foi escolhida a bexiga utilizada nos treinos de basquete, mas por ser muito leve e tornar o jogo lento acabou sendo descartada. A tentativa com a própria bola de basquete também não teve sucesso, pois agora era muito pesada.

Histórico e evolução da modalidade

O jogo ainda não tinha bola e nem nome, a bola foi encomendada a um fabricante, daí surgiu uma bola com revestimento em couro e uma câmara de ar interna, cujo peso era de aproximadamente 300g e a circunferência era de mais ou menos 65 cm. Com a ajuda de Frank Wood e John Lynck, foram

criadas as 10 primeiras regras para o mais novo esporte batizado de *Mintonette*, o qual tinha como objetivo principal marcar pontos fazendo a bola tocar o chão da quadra adversária.

Em 1896, a revista *Physical Education* publicou um breve comunicado sobre o novo jogo. Bastante aceito, o jogo logo teve o seu nome alterado para *Volleyball* e começou a ser difundido pelos Estados Unidos. Pouco tempo depois já era praticado no Canadá, China, Filipinas, Índia, México e alguns países da Europa. Cada vez mais o Voleibol passa a ter cunho competitivo e ganha a atenção de milhões de espectadores ou até torcedores.

O voleibol é o esporte que mais se popularizou nas últimas décadas, sua prática ocorre tanto na forma recreativa quanto profissional. Essa popularidade se deu devido aos patrocínios das grandes empresas e as conquistas das seleções brasileiras. A beleza do jogo encanta os olhos de quem o vê pela coletividade mostrada em quadra, como não se pode reter a bola e a mesma tem que ser passada ao companheiro rapidamente, todos torcem pelo sucesso do outro e isso traz um processo de socialização natural (Paim, 2003).

Este estudo tem como objetivo analisar qualitativamente através de questionário qual a influência que a torcida pode exercer sobre o desempenho de atletas de voleibol, quando nos tratamos de ansiedade, motivação, atenção e concentração durante uma partida, seja ela disputada com a torcida incentivando ou tentando atrapalhar os jogadores.

Vista como um importante fator externo por Junior et al, 2007, a torcida tem uma influência significativa quando consideramos que ela opera como fator motivador em alguns casos e como criador de tensão em outros. O contexto esportivo tem sido marcado por um número crescente de torcedores, sendo esses algumas vezes apaixonados por esporte, ou meros curiosos que acompanham matérias jornalísticas, os mesmos torcedores que vibram nos momentos de vitória e vão nos momentos de derrota.

A torcida é responsável por comportamentos e atitudes diversas de certos jogadores, podendo criar um clima tenso, apático, eufórico e de inércia

no evento esportivo (Machado, citado por Rocha, 2004). Esses torcedores poderão desequilibrar o atleta a ponto de interferir em seu desempenho e levá-lo a uma ansiedade capaz de gerar outras fortes tensões, perdendo totalmente o controle da situação pela qual está passando (Machado apud Junior, Moreno, Souza et al, 2007)

A maneira como a torcida se comporta pode afetar positiva ou negativamente cada um dos jogadores. O que pode determinar isso é a concentração do jogador para que sua atenção não seja dispersa de seu objetivo no jogo que, obviamente, é a vitória (Rocha, 2004).

Os aspectos psicológicos são, sem dúvida, um dos principais componentes da preparação do atleta e eles abrangem uma série de fatores que, combinados, podem influenciar negativa ou positivamente no seu desempenho. O objetivo e a meta do treinamento psicológico é a modificação dos processos e estados psíquicos (percepção, pensamento, motivação, estado de humor), ou seja as bases psíquicas da regulamentação do movimento.

Segundo Rocha (2004), as técnicas de concentração e de mentalização feitas antes do jogo são importantíssimas, pois têm o objetivo de minimizar os efeitos negativos que o público espectador pode trazer, principalmente em práticas realizadas no clube adversário, onde naturalmente haverá um predomínio da torcida adversária.

Harre (1988) apud Rubio (2003) conceitua treinamento como ensino planejado e dirigido ao rápido aumento da capacidade de rendimento físico, psíquico, intelectual ou técnico-motor do homem, sendo que no campo esportivo o treinamento esportivo diz respeito à preparação dos esportistas para conquistar elevados e máximos rendimentos. Unesthal (1985), citado por Serpa (1990), define o treinamento mental como sendo um "conjunto de técnicas psicológicas com o objetivo de controlar e modificar os comportamentos e experiências físicas e mentais dos indivíduos quer sejam externas ou internas".

Machado e Brandão (2006) dizem que é importante que parte do treinamento seja conduzida como competição, assim os jogadores passam a se acostumar com a pressão competitiva e conseguem equilibrar seus níveis de ansiedade. O esporte é uma atividade extremamente emocional, os sentimentos por ele gerados, são passados não apenas para quem está jogando, mas para os inúmeros espectadores e observadores.

O treinamento mental e o treinamento da concentração se distinguem quando nos tratamos de treinamento de habilidades psíquicas. Por treinamento mental entende-se a imaginação da forma planejada, repetida e consciente das habilidades motoras e técnicas esportivas. O treinamento da concentração constitui a melhoria da capacidade de focalizar a atenção em um ponto específico do campo da percepção.

Brandão, Russel e Matsudo (1993) apud Rebustini, dizem que "existe uma considerável evidência na literatura de que altas exigências de carga física em treinamento e competições esportivas levam a alterações na esfera psicofísica de um atleta, com modificações na sua capacidade de concentração, diminuição da atenção, piora do tempo de reação, modificações no seu estado subjetivo, alterações de humor e alterações imunológicas.

Essas modificações podem aumentar bruscamente a quantidade de enfermidades agudas, levarem a lesões esportivas e a respostas emocionais mal adaptadas tais como depressão e ansiedade". Usar os conhecimentos da psicologia para ajudar o atleta a conhecer seus comportamentos (relaxar, imaginar, concentrar-se e construir autoconfiança) e determinantes pode formar um atleta mais forte, menos passível de lesões e mais seguro de seus objetivos. (Rúbio, 2003).

Por esse motivo que a forma como está sendo passado o programa de treinamento de uma equipe tem que ser bem organizado e de qualidade. Um treino realizado de forma inadequada, que afete a capacidade de concentração do atleta ou cause uma diminuição da atenção, torna-o mais vulnerável a cair na pressão da torcida e não obter o sucesso esperado durante uma partida.

Por outro lado, Machado e Brandão (2006), afirmam que há competidores ou equipes que quando se deparam com a situação de estar com a torcida contra, jogando sob pressão, rendem mais do que em competições onde o clima é apático ou favorável a si; passam a jogar contra quem está fora da quadra e não com a equipe adversária.

A obtenção do sucesso em uma partida ou competição pode ser trabalhada através da preparação psicológica, em nível psíquico, para o enfrentamento de situações estressantes do ambiente esportivo e utilizar dessa estrutura pessoal para a obtenção de seu potencial máximo na competição (Deschamps, 2006). Fazendo com que o jogador mantenha-se concentrado, não deixando assim, que fatores externos influenciem seu comportamento dentro de quadra e tão pouco que esse tenha uma queda no rendimento esperado a ele.

Sinais de descontrole e ansiedade pode ser fruto de algumas etapas que não se desenvolveram no seu período correto. Muitos são os casos de atletas jovens que por terem um crescimento rápido são incluídos em categorias mais elevadas para disputar campeonatos, contudo podem não ter atingido ainda sua fase maturacional ideal para tanto e assim não rendem o esperado (Machado e Brandão, 2006).

Machado e Brandão (2006) afirmam que a atividade esportiva competitiva exige do atleta que ele consiga lidar com o dinamismo de seu estado emocional, pois a mudança de um sentimento para o outro é muito rápida e em algumas ocasiões eles podem ser até opostos. Além do mais, a competição é uma atividade na qual o atleta compete contra outros e contra seus próprios limites. Dessa forma o limite individual assume características específicas para cada uma das práticas esportivas, indivíduos dispostos a superar suas marcas, independente de quais sejam elas.

A competição passa a ser vista como comparação de capacidade entre indivíduos, que seguem normas e espaços que geram tensão. O *ambiente* é um fator fundamental para a explicação da performance, pois um ambiente de treinamento difere bastante de um de competição. Desse modo, a provocação

da torcida e dos adversários são fatores que ilustram a diferença entre treinar e competir.

Diante disso, Weinberg e Gould (2001) citado por Rubio, (2003) dizem que caso os treinadores e outros profissionais responsáveis pela condução dos treinamentos não reproduzam ao máximo as condições dos jogos durante os treinamentos, as diferenças entre a performance no treino e na competição tendem a ser diferentes.

Uma possibilidade de aproximar a situação de treino em relação à de competição é reproduzir o ambiente estressante do jogo durante o treinamento a fim de que o atleta se acostume com situações de intensa pressão psicológica, aprenda a controlar seus níveis de ansiedade e a regular seu foco de atenção.

No esporte de alto rendimento pode-se observar que os atletas são submetidos a diversos tipos de pressão (torcida, resultado, cobranças do técnico e dos companheiros) e o rendimento está relacionado com a capacidade de superação dessas situações.

Para Kertesz, apud Deschamps e Junior (2006), comportamento se define como: “o que se sente, pensa, diz e faz”. O que se pensa e sente é o comportamento subjetivo, interior, e o que se diz e faz é o comportamento objetivo, exterior, observável. “Através da observação do comportamento objetivo se torna possível grande parte da compreensão do comportamento subjetivo, que, por ser interno, não é acessível diretamente aos nossos sentidos”.

Ao se falar sobre ansiedade, tem-se a nítida impressão de que temos uma visão muito clara sobre seu conceito. Além disso, parece-nos que a definição sempre foi a mesma, não sofrendo interferências culturais. Porém, ao analisarmos este aspecto mais detalhadamente, vemos que esta é uma visão totalmente errônea. Quando se comparam as diversas definições existentes, percebe-se grande diversidade entre elas e, além disso, nota-se a dificuldade de classificá-las devido a divergência de vários de seus aspectos.

Pensando no momento esportivo, diante de torcidas que querem o resultado favorável para seu time, o papel que o atleta desempenha (sua prática), bem como suas expectativas constituem também variáveis relevantes para seu comportamento desportivo, e consequente manejo de seu nível de ansiedade.

WEINER (1979), afirma que cada dimensão associa-se a um determinado tipo de consequência. Dessa forma, as expectativas futuras dos atletas e indivíduos são, na verdade, consequências do modo como percebem a estabilidade pessoal, a constância de seu desempenho e de seus resultados, oscilando em função da estabilidade ou não do nível de ansiedade.

Assim, vários autores desenvolveram pesquisas, no meio esportivo, a fim de investigarem as relações entre as atribuições que os atletas efetuam para um determinado resultado, bem com as suas expectativas em relação a futuras realizações. BIDDLE (1993), por exemplo, baseando-se nas conclusões de pesquisas realizadas por GROVE e PARGANAN (1986), considera ser evidente que as expectativas futuras dos indivíduos se relacionam mais com as atribuições relativas ao seu esforço do que com as relacionadas com a sua capacidade. Realça a este respeito a possibilidade da dimensão da controlabilidade de assumir um papel mais importante no processo de estruturação das expectativas futuras do que a dimensão da estabilidade.

As expectativas de sucesso e insucesso são estados psicológicos que podem divergir num mesmo atleta dentro de uma situação real de jogo, ainda que de atleta para atleta de uma mesma equipe e perante a mesma situação_ alterando sobremaneira o nível de ansiedade. Dependem, também, fundamentalmente do tipo de objetivos estabelecidos para cada atleta, para cada tarefa e da percepção de cada um deles acerca do grau de realização desses objetivos (MAEHR, 1984).

No esporte, as competições têm sua peculiaridade, sendo possível que os treinamentos venham reduzir as incertezas e a probabilidade de ocorrências de situações estranhas que parecem alterar negativamente o comportamento dos atletas. A simulação de jogadas e situações ocorridas em jogos anteriores,

durante o treinamento, pode facilitar a participação do atleta, mesmo que ele não tenha ainda entrado em uma competição, propiciando estabilidade emocional e ajuste do nível de ansiedade.

Entendemos que, mesmo havendo no atleta, ou na equipe, experiência em competições, existe uma variedade de exercícios de preparação que podem e devem ser simulados durante os treinamentos como, por exemplo, os atletas de atletismo, podem, no decorrer dos treinos, praticar as partidas e as estratégias durante o percurso da corrida; os nadadores podem também simular as saídas; os atletas de futebol, livremente, treinar as penalidades mais simples, bem como a cobrança de pênalti, ensaiando a cobrança de escanteio (tiro de canto).

Tais simulações de competições nos treinamentos e a transformação das atividades de treino envolvem aspectos como: tempo, intensidade e situações pré-programadas etc. Pelo menos, parte do treino deve ser conduzida como se fosse uma competição, mas simultaneamente, deve-se reduzir o caráter da competição. São maneiras dos atletas, em novas situações serem treinados a suportar a pressão competitiva, buscando equilibrar seu nível de ansiedade.

A ansiedade pode adotar duas formas distintas e complementares: ansiedade-traço e ansiedade-estado. A ansiedade-traço é uma característica relativamente permanente ao indivíduo, enquanto a ansiedade-estado é o conjunto de reações que variam nas diversas situações de acordo com as condições do próprio organismo.

O nível de ansiedade-estado não está estritamente relacionado ao nível de ansiedade-traço, mas também se deve considerar a importância da situação para o indivíduo e a incerteza do resultado (Pujals, 2002).

Caso os atletas não estejam acostumados com a pressão psicológica durante jogos oficiais, apresentarão dificuldade de controlar seus níveis de ansiedade e, provavelmente, será menor seu aproveitamento em relação aos treinamentos. O alto nível de ansiedade tem relação direta com o baixo

desempenho apresentado pelo atleta. Buceta, apud Machado (2006) diz que o treinamento psicológico tem que interatuar com o treinamento físico, pois o funcionamento psicológico do atleta pode influir positiva ou negativamente em seu funcionamento físico.

Outro ponto a ser levado em conta quando nos tratamos de desempenho de atletas é a questão dos aspectos culturais. Certas vezes por desconhecimento da cultura regional o indivíduo pode realizar algo que seja entendido pela população local como desrespeito e isso gera um desentendimento que, se não for bem controlado, atrapalha na concentração do jogador.

As crenças pessoais podem influir também na concentração do atleta, algumas são relativamente inofensivas, entretanto outras são limitantes (por exemplo, não jogar de sexta feira, não trocar o uniforme enquanto se está ganhando, ...). Para essas o psicólogo esportivo tem que saber até onde isso pode ajudar ou atrapalhar a concentração do seu atleta, conhecendo tais crenças para poder trabalhar em cima delas. (Machado e Brandão, 2006)

O contato com a família pode ter forte influência no desempenho do atleta, tanto para melhorá-lo quanto para piorá-lo. Ao falar com um familiar e esse colocar em pauta algum problema emocional ou financeiro pode ocorrer uma instabilidade no seu estado de humor e concentração, devido à família representar um universo relativamente intocável para o atleta (Machado e Brandão, 2006)

Cada dia mais o psicólogo do esporte assume o papel de minimizar efeitos negativos da torcida, decepções, ressaltar aspectos positivos de liderança, delimitar os papéis dos elementos do grupo para seus dirigentes, e principalmente, trabalhar com as notícias lançadas na mídia para que não interfiram diretamente no seu atleta (Machado, 2009).

A Torcida

Nos dias de hoje, é comum ouvirmos notícias relacionadas à violência entre torcedores, e até mesmo entre jogadores. Essa violência está cada vez mais presente no meio esportivo.

A presença do público tem uma influência relevante, por si só, assumindo considerável importância em relação às atitudes e comportamentos de certos jogadores, o que provoca um clima tenso, gerando brigas durante eventos esportivos, ou ainda, apatia e inércia.

As causas dessa violência são inúmeros fatores que tentaremos descrever, procurando sempre enfatizar os aspectos mais significantes que poderiam influenciar as equipes e seus jogadores. Em situações em que se deparam com "torcidas" adversárias, que procuram promover a perda do controle dos atletas e da equipe, o objetivo da turba é causar um descontrole, com atletas reagindo de maneira não produtiva, sem conseguir desempenhar de maneira eficiente o seu papel. Por outro lado, temos indivíduos e equipes esportivas que só conseguem obter êxitos em competições, quando se deparam com o público adversário, passando a jogar em função do público que está fora da quadra, e não mais com a equipe adversária.

Em cada um destes casos temos reações diferentes: aqueles que preferem jogar com o público prestigiando, aqueles que preferem uma oposição do público, aqueles que apenas jogam quando a torcida está incentivando, e tornam-se apáticos quando esta não se manifesta. Tais situações podem ser vistas a todo momento, ao assistirmos um evento esportivo, onde o "ídolo" da torcida faz gestos para que o público se manifeste, o que psicologicamente estará motivando a equipe, ainda que inadequadamente.

Desta maneira, a motivação é uma questão de suma importância, no que se refere à prática de esportes. Assim sendo, conhecer a influência da motivação do público espectador, bem como sua atuação nos indivíduos, é importantíssimo não só para os psicólogos do esporte como para atletas, técnicos, professores e pais.

Ao considerarmos a influência do público espectador em equipes esportivas, iremos abordar alguns temas que podem influenciar, direta ou indiretamente, o atleta e sua equipe, tentando alterar o comportamento dos mesmos, chegando a influenciar em sua performance e, na análise do público esportivo é importante ressaltarmos os aspectos econômicos, políticos ou sócio-culturais que irão influenciar no comportamento e atitude desse público espectador.

Sabe-se que o público apresenta determinados comportamentos e determinadas emoções que poderíamos relacionar com sua vida cotidiana. Segundo SEGRÉ (1993) os esportes se diferenciam e uma das diferenças está na reação qualitativa do público (no tênis, o público influencia sem gritos e algazarras, o que não ocorre em outras modalidades, onde o grito, a vaia, o batuque são predominantes).

Um outro aspecto que é interessante de se analisar é o nível de aceitação do público diante da vitória ou da derrota. O público com maior capacidade de entender e absorver as condições de jogo, acreditamos, talvez tenha melhor facilidade para lidar com estes aspectos. Também muito importante para ser observado é o público torcendo, ordenada e espontaneamente, e os efeitos de seu comportamento quando este se apresenta de maneira desenfreada.

Influências externas tendem a ser positivas ao atleta, mas é importante ressaltarmos que diante de um confronto de duas equipes, teremos dois atletas, com torcidas específicas, treinadores com comportamentos diferentes, tentando reforçar a atuação do espectador, fortalecendo o desempenho de seus atletas.

Assim, uma lista de influências exteriores que permitem a alteração do estado de conduta positiva ou negativa podem ser apresentadas: pais de atletas, membros da família, namorados, amigos, imprensa, fãs e técnicos. No entanto, além das influências exteriores, temos as influências interiores que o atleta pode sofrer, o que merece nossa atenção.

O tipo da torcida e sua atuação são fatores que interferem direta e indiretamente em atletas, com uma composição que vai da família do jogador até a torcida organizada, do telespectador no campo ou ginásio ao telespectador pela televisão ou rádio, da imprensa ao técnico, e os próprios companheiros de equipe, entre outros elementos. Segundo CRATTY (1984) nunca a atuação do atleta deixa de sofrer influência de alguma assistência; em qualquer circunstância ele terá a vigilância de colegas de equipes, técnico, amigos, família e torcedores ocultos.

O processo de crescimento e desenvolvimento da criança sofre influências biológicas, sociais e culturais. Quanto menor for o grau de experiência e mais novo for o atleta, maior será o efeito causado pela torcida sobre seu comportamento. Para Isler, apud FILGUEIRA o nível de habilidade em que a criança se encontra irá determinar qual será o grau de influência que a torcida exercerá sobre ela, seja a torcida como um todo ou a torcida familiar.

A presença da torcida familiar é um fator que influencia diretamente no comportamento desde o início da atividade física até o treinamento e a competição. O relacionamento que o atleta tem e teve com os pais, as recordações, os acontecimentos, os fatos que marcaram sua vida, o modo como esse atleta foi criado, tudo isso pode gerar problemas de efeito positivo, neutro ou negativo.

Alguns atletas se sentem bem na presença dos pais, enquanto outros não. Tudo depende da qualidade do relacionamento entre pais e filhos. Quando um pai faz um comentário durante a competição, sua intenção, na maioria das vezes, é incentivar seu filho e fazê-lo ter um desempenho mais adequado. Porém, nem sempre a forma como é empregado é a mais adequada podendo criar uma situação constrangedora, ou sendo exigente demais a ponto de acabar com o prazer da criança em jogar ou até mesmo criando nela uma aversão a prática de atividade física por se achar incapaz, podendo entrar num processo de sedentarismo (FILGUEIRA).

Sabemos que a vivência em práticas esportivas é importante por propiciar melhoria da condição nos níveis físicos e motor, aumentando a

autoconfiança, aprimorando a auto-imagem e contribuindo para uma vida saudável. FILGUEIRA cita que na iniciação esportiva ao futebol, um esporte que merece a esmagadora atenção da mídia, é complicado mostrar às crianças que, muitas vezes, a escolha por essa modalidade é mais uma questão cultural do que de gosto. Até mesmo os pais são influenciados e por serem tão fanáticos por futebol acabam tendo dificuldade em deixar que seu filho pratique outro esporte. Contudo, o esporte que tem que se adaptar as condições física, técnica e psicológica da criança, adequando-se a sua maturação orgânica funcional.

Estudos mostram que os técnicos, os pais, os professores, os dirigentes, estão mais preocupados em ver a criança jogar, ser titular, vencer para se sentirem satisfeitos e esquecem do aprendizado advindo dessa prática e que esta tem que trazer prazer em primeiro lugar para o praticante, depois para seus torcedores.

COSTA et al (2011), diz que a relação em descendência masculina de pai para filho não é o único ponto que faz o pacto entre torcedor e clube, existe também influência dos vínculos de amizade, residir próximo ao clube e vivenciar sucesso e insucesso dessa equipe.

Desempenho

De maneira geral, o treinamento esportivo se embasa na preparação física, posteriormente a preparação técnica e tática e por fim, tida como não muito importante, a preparação psicológica. A grande maioria das equipes de alto nível não possuem um psicólogo esportivo inserido dentro de suas comissões técnicas, esses são acionados apenas quando o clube está passando por momentos difíceis, e ainda assim, seu trabalho é reduzido a dar palestras (Dos SANTOS).

As equipes desportivas devem dar uma importância maior para a preparação psicológica dos atletas em função do modo como os fatores psicológicos, os agentes causadores de estresse e a baixa auto-estima causam interferência no cotidiano de um atleta.

Segundo Dos SANTOS, as situações encontradas no cotidiano de qualquer atleta pode ser identificada como estressora, pois quanto maior o nível competitivo maiores são as exigências e cobranças impostas sobre eles. A preparação psicológica é de suma importância, uma vez que pensarmos que não adianta estar ótimo fisicamente, com uma técnica excelente e com a tática perfeita sendo que não há controle sobre efeitos psicológicos causados pelo ambiente a ponto de reduzir a performance.

STEFANELLO (2007) apresentou resultados de um estudo que indicam que os fatores situacionais (competência pessoal, atuação do adversário, condições climáticas) são mais perturbadores da concentração quando comparado com os fatores pessoais (lesões, irritação e cansaço físico). Em mesmo estudo, a autora diz que as alterações nos estados emocionais e de ânimo são as principais conseqüências da perda da concentração no que diz respeito a erros cometidos consecutivamente ou por displicência e a falta de agressividade nas jogadas é uma característica percebida nos atletas, decorrentes desse déficit de concentração.

Estudos apontam que a competência pessoal (erros, dificuldade de pontuar, falta de habilidade, ineficácia), a conduta do adversário, o nível técnico do oponente, a preocupação com a própria atuação, erros consecutivos ou em momentos decisivos do jogo são os fatores que mais se destacam como perturbadores da concentração.

Para a retomada da concentração, atletas dizem usar algumas técnicas cognitivas como o auto-informe (diálogo consigo mesmo), imaginação e focalização (pensamentos positivos para manutenção da auto confiança e controle de erros). As técnicas somáticas também mostram resultados positivos para a manutenção da atenção e dentre elas estão as técnicas de respiração que são utilizadas a fim de diminuir a frequência cardíaca em alguns momentos e aumentar os níveis de ativação neuromuscular em outros. Um outro método utilizado é a movimentação mais rápido com a finalidade de também aumentar a ativação. (STEFANELLO, 2007)

Em jogos onde o desafio é inferior a capacidade do atleta, ou seja, o adversário é muito fraco, tem-se uma diminuição nos níveis de ativação decorrente da pouca exigência da partida, fazendo o atleta prestar mais atenção em si mesmo. Com isso acabam de esforçando mais para compensar os pensamentos indesejáveis aumentando sua confusão mental. Nessa situação a capacidade do atleta em interpretar estímulos externos é diminuída, diminuindo também sua tolerância à frustração e consequentemente seus erros são maximizados e tidos como desastrosos, quando na verdade não são (STEFANELLO, 2007).

A preparação psicológica tem sido essencial para obtenção de bons resultados na prática esportiva. A frase citada por REBELO JR (2006): “ele não estava preparado psicologicamente para...”, apesar de fazer parte do senso comum e ser falada inúmeras vezes, é muito bem empregada quando nos tratamos de fracassos nos esportes. Atletas, na maioria das vezes, os menos experientes, deixam de apresentar seu melhor desempenho por conta da pressão psicológica aplicada sobre eles.

O trabalho do psicólogo esportivo é indicado, principalmente, quando os atletas aparentam não se concentrar durante o jogo, não conseguem seguir o que é falado pelo técnico, não demonstram motivação, quando estão se saindo superiores nos treinos em relação aos jogos, quando entra em um estado de ansiedade muito grande prá competitiva, entre outros. Para isso, González apud Dos SANTOS, cita que o psicólogo mune-se de baterias de testes que são aplicados individualmente e sistematicamente para diagnosticar algum tipo de anomalia que esteja causando interferência no rendimento apresentado pelo atleta, e daí então, poder intervir no processo de treinamento.

A Psicologia do Esporte não lida apenas com as questões do atleta, mas também de técnicos, dirigentes e todos os integrantes da comissão técnica, a fim de manter uma relação harmoniosa entre atleta-técnico. Devido ao período de tempo que passam juntos, esse bom relacionamento é essencial para uma convivência harmônica, ao mesmo tempo em que é um grande desafio.

Diante dos atletas jovens, o técnico é uma pessoa estranha que exerce muita influência em suas vidas, chegando a causar conflitos entre família e equipe esportiva. Por esse motivo que os psicólogos esportivos têm também em seu campo de atuação a torcida e os familiares, para tentar compor uma relação passiva no ambiente familiar e de treinamento, tendo em vista que o esporte é um complexo que envolve o atleta, protagonista do espetáculo; a torcida, razão da realização do espetáculo; e patrocinadores, envolvidos na manutenção do atleta. (REBELO JR, 2006).

Em estudo realizado por GOUVEA et al, os resultados mostram que há uma grande importância na preparação adequada para jogos, a positividade da interação do técnico com os atletas e a competição em si como fonte de motivação. Além disso, estar com a torcida favorável, jogar em momentos importantes e ter um adversário qualificado também são fatores motivadores.

O mesmo autor diz que erros em momentos decisivos da partida, erros da arbitragem, a ansiedade, a displicência de algum colega de quadra mostram-se como fatores intervenientes. Particularmente para os atacantes, os erros dos árbitros são os mais estressantes, pois são os que mais acontecem para os mesmo; quando para os líberos é a displicência de algum jogador em quadra, pois a carga psicológica colocada sobre eles é muito grande devido ocuparem uma posição que necessita de bastante concentração e, também, geralmente, ser deles o primeiro toque na bola iniciando a jogada de contra ataque, necessitando que exerça sua função o melhor possível; e para os levantadores é sair do jogo em momentos importantes da partida, pois são tidos como articuladores do jogo.

Segundo estudo realizado por STEFANELLO (2007), a execução de uma única tarefa obriga o atleta a ter uma alteração no foco atencional muito rápida (analisar a situação, pensar na ação mais adequada e preparar-se para realizá-la). Devido à individualidade biológica de cada ser, alguns atletas são mais aptos a analisar uma grande quantidade de informações e interpretá-las com maior destreza. Enquanto outros apesar de terem um foco atencional reduzido, conseguem se concentrar mais na tarefa a ser realizada executá-la

excepcionalmente bem, sem deixar que as situações estressantes o tirem a atenção.

Geralmente, a palavra estresse é relacionada a qualquer fato que ocorre de negativo, onde tudo o que acontece causa estresse, estando esta vinculada a fenômenos negativos. Porém, o estresse é necessário em novas vidas para manutenção e aperfeiçoamento das capacidades funcionais (Dos SANTOS). O estresse é inevitável, podendo ser positivo quanto relacionado à necessidade de manter os estados de ativação ou negativo quando é causado por pressões externas e internas do atleta.

Muitos são os estressantes externos e internos do organismo que podem desequilibrar um atleta, mas para isso o nosso corpo se utiliza de mecanismos de defesa, como no caso da liberação de beta endorfinas para neutralizar a adrenalina produzida por um fator estressante (Dos SANTOS). O mesmo autor cita Buceta, que em um de seus estudos diz que podemos ter um esgotamento tanto por excesso de treinamento, como pela falta do mesmo e ainda não só pelo volume e intensidade de treinamento, mas também, por trabalhos desmotivantes.

Bauk apud Dos SANTOS, diz que atletas estão mais suscetíveis a problemas psíquicos, como a perda de concentração, a fadiga, o medo, a irritabilidade, as irregularidades de performance, a insônia, dentre outros. Para que os agentes estressores não causem o esgotamento psicológico do atleta, faz-se necessário o uso de técnicas que não deixem os níveis de estresse fugir do controle e assim, não atrapalhem no desempenho do atleta na competição.

A competição nem sempre é encarada como ameaçadora. Isso está relacionado com o nível do atleta, suas experiências e modo como ele a reage frente ao jogo. Daí provem a importância de se realizar o trabalho psicológico com o intuito de manter o equilíbrio do atleta, detectando os agentes estressores e os níveis de ansiedade gerados por eles.

Harris apud STEFANELLO (2007) diz que as variações ocorrentes no desempenho dos atletas em competições que acontecem num breve período

de tempo, são decorrentes de flutuações cognitivas, o que significa que ao longo da competição o que se observa não é uma alteração no nível de destreza do atleta, nas capacidades fisiológicas ou psicológicas ou mesmo funções mecânicas, mas uma flutuação no controle mental.

Isso significa dizer que o desempenho do atleta não está estritamente relacionado à sua capacidade de desenvolver altos níveis de concentração, mas na sua capacidade de alternar seu foco de atenção em função das situações exigidas durante o jogo (saque, passe, ataque, bloqueio, organização, torcida, fadiga), para atender tudo isso o atleta necessita de uma alternância rápida no foco atencional.

Procedimentos Metodológicos

Segundo Neves (1996) a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados e seu foco de interesse é amplo. Pode-se distinguir o enfoque qualitativo do quantitativo, mas não seria correto afirmar que guardam relação de oposição, e se trabalhados simultaneamente podem garantir uma pesquisa com resultados mais próximos ao real.

O problema mais sério em se usar o método qualitativo, porém, parece residir no fato de que os métodos para análise e as convenções a empregar não são bem estabelecidos. Para os problemas da confiabilidade e da validação dos resultados de estudos qualitativos não há soluções simples. Bradley (1993, p.436) citado por Neves (1996) recomenda o uso de quatro critérios para atenuá-los, a saber: conferir a credibilidade do material investigado, zelar pela fidelidade no processo de transcrição que antecede a análise, considerar os elementos que compõem o contexto e assegurar a possibilidade de confirmar posteriormente os dados pesquisados.

Nesta pesquisa buscaremos usar do questionário, depositado num banco de dados, de armazenado em 1997, junto ao LEPESPE (Laboratório de

Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte). Assim, trata-se de uma pesquisa documental, de caráter exploratório e descritivo, utilizando-se de uma entrevista realizada em 1997 (envelope DEF/UNESP/MCZ/97). Então, passaremos a comentar a respeito da forma da coleta de dados.

Segundo Cervo, questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja em geral, a palavra *questionário* refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche.

O questionário pode ser aplicado simultaneamente a um maior número de indivíduos. Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Devem ser propostas perguntas que conduzam facilmente às respostas de forma a não insinuarem outras colocações.

Dados Coletados

Com a intenção de estudar a questão da competição esportiva, dentro da Educação Física Escolar, buscamos localizar escolas da rede pública estadual que mantivessem turmas de treinamento de modalidades esportivas ou que apenas participassem de campeonatos escolares, fixados pelo Calendário Oficial das Delegacias de Ensino.

Muitas são as escolas que participam dos Jogos Escolares, em várias modalidades; desta forma, aleatoriamente, procuramos por cinco escolas da cidade de Rio Claro e outras cinco de Jundiaí, ambas as cidades pertencentes à mesma Divisão Regional de Ensino.

O contato com os professores foi facilitado, uma vez que a maior parte deles haviam sido alunos do pesquisador em questão, o que facilitou sobremaneira a inserção do mesmo no ambiente de pesquisa. Os demais profissionais, que não conheciam o pesquisador, não se opuseram ao trabalho,

uma vez que se interessavam pelo resultado que dele adviria, com futuras propostas de modificações em suas próprias estratégias.

A competição escolar permite aos seus adeptos realizar um processo avaliatório, em si próprio e nos companheiros e adversários, bem como favorece o reconhecimento de progressos individuais e coletivos, se bem orientada e conduzida.

A prática competitiva escolar, quer seja a inicial ou a disputa final de títulos, variando o nível técnico- desportivo dos seus executantes, oferece evidências de aquisições qualitativas nas capacidades humanas necessárias para a prática ideal do esporte, uma vez que são constatadas as tentativas de superação própria, através de aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades.

E de todo um processo criador de novas experiências, novos conhecimentos e novas necessidades que, por se tratar de um processo dinâmico e de intervenções constantes, cria condições para a existência de novos contributos de todas as áreas do saber humano, originando novas situações, novos fatos sociais de cultura.

Este é um dos filões que a escola terá que melhor utilizar, uma vez que o contexto cultural do processo competitivo escolar tem recebido um tratamento intencionalmente alienado e desprezível, conforme observaremos em nossos estudos.

Tal dimensão será melhor ou pior tratada na medida em que o desporto como um fenómeno sócio- educacional seja ou não colocado à serviço do homem; o ato de considerá-lo um fator de transformação das relações e estruturas sociais e de tê-lo como um dos importantes meios de libertação será de grande valia para aquele que orienta e vive a competição escolar, lucidamente.

Creemos que tal alcance cultural resultará mais evidente e acentuado se a participação crítica for desencadeada pela orientação educativa e formativa inculcada na prática desportiva. O atleta e o aprendiz têm de

desenvolver as suas capacidades de observação e de interpretação dos sinais que lhes permitam avaliar o grau de evolução em que estão e com que velocidade se deslocam para o alcance de seus objetivos.

Isto pode ser trabalhado em situações de competição escolar, se ela for bem conduzida, não dando excessivo valor a eficiência da execução ou ao total de pontos conseguidos, mas ao aproveitamento do conjunto de informações recebidas antes, durante e após o momento competitivo. Quer sejam elas técnicas, táticas, sociais ou de outras ordens quaisquer.

“Mas como é vista a competição escolar pelos seus integrantes? Como o professor trabalha a idéia do competir, o que vem a ser “educar pelo jogo”? O objetivo a que se propõe atingir, na competição, é o exposto ao aluno? Em entrevista e diálogos, bem como em observações feitas da prática profissional, conseguimos nos defrontar com situações tais como: “O importante é competir. Desde que se saia vencedor...” (professor 01)

“A Competição serve para mostrar ao meu diretor que eu dou duro em minhas aulas...” (professor 03)

“Competir é bem mais do que simplesmente jogar: é mostrar a força e a garra que se desprende no combate ao adversário e vencê-lo a todo custo, nem que seja preciso roubar ou brigar...” (professor 02)

“Gosto da competição pelo seu poder de unir as pessoas em um mesmo ideal: todos querem ganhar. Daí, os mais espertos levam a melhor...” (professor 05)

“Tenho medo da competição, porque nem sempre podemos controlar os impulsos de nossas crianças e corremos o risco de sermos mal interpretados em nossas propostas educacionais...” (professor 04)

“Acredito que o ato de competir é muito mais para finalizar a temporada do que para despertar atritos. Mas os demais professores da rede não pensam assim e meus alunos, infelizmente, levam a pior em se tratando de relacionamento, porque ganhando ou perdendo os jogos ainda recebem uns safanões dos adversários ... e o que é bem pior: a mando de seus professores, que querem a vitória acima de tudo...” (professor 07)

Avançando, temos que os alunos também se posicionam diante do aspecto competitivo dos jogos escolares, com visões que pouco diferem das emitidas pelos seus professores, ou até mesmo reforçadas pelos gestos e opiniões apresentadas pelos seus dirigentes.

“Gosto de competir para mostrar pros meus amigos que nós é forte mesmo. Quando nós perde no campo, nós ganha no braço...”(aluno 01)

“Se a gente ficar campeão o homem falou que vamos ter dois dias de feriado, então temo que ganhar de qualquer jeito...”(aluno 03)

“Não sou afins de jogar contra os outros ... sempre fica aquela zoeira, antes, durante e depois do jogo e a gente fica nervoso e pode brigar com nossos amigos que estudam em outras escolas ...” (aluno 02)

“Gosto de competir para mostrar que a gente treinou duro, por isso está melhor que os outros; para encontrar com colegas de outras escolas e outras cidades e para poder não ir prá escola, no dia do jogo. Daí, quando a gente chega, no outro dia, s minas perguntam tudo prá gente ...” (aluno 05)

“Vale a pena competir, quando tem bom juiz, bom adversário, boa torcida e a gente consegue fazer tudo que o professor ensinou, mesmo que a gente não consiga marcar um ponto no adversário ...” (aluno 06)

“Eu acho interessante a competição porque, as vezes, a torcida dos outros vibra pela gente e nem sempre é preciso ganhar. Nosso professor falou que, se jogarmos bonito, sempre teremos convites para novos campeonatos ...”(aluno 08)

“Eu sou bom jogador, mas erro tudo no dia da competição. O professor disse que sou bundão e que vai me deixar de reserva, só prá passar vontade ...” (aluno 06)

O que se observa, tanto em turmas de treinamento, como em jogos entre classes ou entre escolas é que uma primeira preocupação fica mesmo por conta do jogar para ganhar, seguida da intenção de se fazer um bom papel, uma bela figura. E isto é evidente entre ambos os sexos, em qualquer das séries estudadas. Durante nossos períodos de observação pudemos constatar que os ânimos apenas se exaltavam quando se jogava contra alguém, quando se tinha trabalhado o grupo para a conquista do resultado ou, ainda, quando se tinha medalha ou troféu em disputa.

Por outro lado, ficou-nos sugerido que a competição bem planejada anteriormente, com recomendações quanto ao nível técnico e tático, com fins outros que não o de ganhar a qualquer custo e que se realizasse em clima de confronto tático teria um desenvolvimento a nível de ideal, uma vez que o constatado é que os alunos atendem às diretrizes de seus professores e que apenas se exaltam quando estimulados para isto.

“Meu professor sempre diz prá nós não levar vergonha para fora da quadra; lá nós representa a escola e temos que dá o melhor de nós. Então é ganhá ou ganhá, certo?... (aluno 09)

“Lá na escola a gente aprendeu uns jeito de dar toco sem o juiz perceber. A professora mandou nós ser esperta. Eu até já treinei e deu certo ... (aluno 07)

Em direção oposta a estes enunciados, também constatamos situações em que o próprio professor refuta a participação aguerrida de seus comandos, prestando informações e instruindo para o jogo limpo.

“Nós temos um bom time, com condições de ganhar o jogo, sem apelar. Se, por acaso perder, voltaremos a treinar mais até ganharmos deles. Lembrem-se: sem apelação...” (professor 04)

“Interessa ganhar, mas se não der, não quero briga, choradeira e cara feia. Vamos lembrar que só um vai sair ganhando e vamos torcer para sermos nós, sem histeria...” (professor 06)

Neste conjunto de idéias divergentes temos que perceber que todo o grupo de alunos envolvidos num programa desportivo, que compete por uma agremiação, instituição ou escola está sujeito a outros elementos influenciadores de condutas, que não apenas o seu professor: a própria família, os amigos, os adversários, a arbitragem são elementos de muita força, no espetáculo esportivo quer seja ele educacional ou contra-educacional.

Tal informação tem um caráter marcadamente forte, se formos analisá-lo do ponto de vista de importância, para o processo educacional e suas implicações psicológicas. Conforme ALMEIDA (1990) constata em sua tese, três tendências reforçam o objetivo de educar, e a competição escolar precisa assumir sua real validade para que possa vir a ser aplicada de forma a interferir no processo educacional como um todo, sem se esquecer da atração exercida pelos pais (primeira tendência), da influência sentida e incorporada nos períodos escolares (segunda tendência) e da pulsante necessidade de responder aos anseios do grupo social em que se vive (terceira tendência).

Em nossas visitas e entrevistas, com professores e alunos das escolas sorteadas, pudemos observar que a prática da competição, tal como sido trabalhada, apresenta uma distorcida idéia do que seria uma competição à nível escolar, aquela em que se identificaria o coroamento do processo ensino-

aprendizagem, ou que criaria situações de análise e superação das habilidades que os demais elementos de uma equipe viessem a apresentar.

Ou, ainda, o momento de se poder extravasar as energias e crescer junto com um companheiro que apresente mais técnica ou decisão, no momento esportivo; seria o momento em que se demonstraria haver retido ensinamentos teórico-práticos, incorporado o significado de vida em grupo e bem-estar, além de vivenciar esta compreensão de forma a não molestar a integridade física, mental e moral do companheiro (além da sua própria).

Penetrando por este estranho labirinto educacional, que é a competição escolar, fomos nos confrontar com alguns fatos que merecem maior atenção e investigação, com o intuito de melhor poder estudar o fenômeno. Buscamos observar, entrevistar, conviver, participar das explicações, registrando nossas impressões, de imediato, para podermos garantir a fidelidade do objetivo de estudo em questão.

Os responsáveis pela prática do esporte escolar e pelo gerenciamento da mesma, uma vez que ministram aulas nas dependências escolares, são profissionais habilitados para a função que exercem; então, são pessoas que podem compreender, com clareza as características fundamentais que envolvem uma situação competitiva. Isso deve assegurar uma atitude efetivamente educativa, de modo a diminuir comportamentos inadequados. Sendo assim, como fica a competição escolar e a ansiedade?

Considerações Finais

O efeito positivo ou negativo da competição, sobre nossas crianças, não é resultado apenas do processo competitivo em si, mas do meio social em que aconteceu a competição, quem a orientou e como foi trabalho, anterior e momentaneamente, o ato em si.

É necessário que os profissionais envolvidos com os confrontos desportivos tenham clara a posição de que competir é um comportamento socialmente aprendido (Riera, 1989), desta maneira teremos incidência de influências para a competição e/ou para a cooperação.

A competição esportiva escolar confronta níveis de performance, de maturação, de desenvolvimento agonístico de grupos de uma preparação duvidosa, tomando por base o tempo de envolvimento com a modalidade, as interferências feitas pelo professor de Educação Física e a própria formação deste, além da forma como o meio social valorizando o resultado do ato de competir.

O valor colocado na competição escolar, os padrões usados para estabelecer as comparações, enquanto se está competindo e as conseqüências do ato de competir dependem exclusivamente do contato social que cerca o escolar; tal contexto garante regras que dificultam à criança o julgamento pessoal de seus atos mas que as conduzem a endossar padrões ditados pelo meio em que vivem e competem. É, talvez, em função disto que a competição é algo tão discutível e questionável.

Esta pesquisa documental realizada num pacote de dados coletados por meio de entrevista, em 1997, armazenada no LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, IB/UNESP, sob código DEF/UNESP/MCZ/97, coletados em campeonatos esportivos, no estado de São Paulo, incluindo jogos oficiais da Secretaria de Esportes e Campeonatos Esportivos Universitários por equipe de pesquisadores do laboratório, vem comprovar a necessidade de melhores conhecimentos na área, por parte dos profissionais e dos atletas, em conjunto.

Referências

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. Viajando com a equipe: o papel do psicólogo do esporte. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.4, p.513-518, out./dez. 2008

DA COSTA, F. R.; ALVES, F. P.; RIBEIRO, L. P. O Espírito Santos no cenário do futebol brasileiro: de 1980 a 2009. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-9, jan./abr. 2011

DESCHAMPS, S. R.; JUNIOR, D. R. Os aspectos psicológicos da personalidade e da motivação no voleibol masculino de alto rendimento.

Revista Digital, Buenos Aires, v.10 n.92, jan. 2006

DOS SANTOS, S. G.; SHIGUNOV, V. Suporte psicológico ao atleta: uma necessidade “teórica” que precisa ser aplicada. **Revista Treinamento Desportivo**, p. 74-83, 2000

FILGUEIRA, F. M.; SCHWARTZ, G. M. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.7 n.2 p.245-263, ago. 2007

GOUVEA, F. L et al. **Carga psíquica em situações de jogo: investigação em atletas infanto-juvenis de voleibol masculino.**

JUNIOR, J. M. C., et al. A influência da torcida na performance de jogadores brasileiros de Futsal: um viés da Psicologia do Esporte. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.4 p.259-265, out./dez. 2007

MACHADO, A. A. Formação acadêmica e intervenção profissional na perspectiva da Psicologia do Esporte. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.4 p.935-943, out./dez. 2009

MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. F. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz**, Rio Claro, v.12 n.3 p.262-268, set./dez. 2006

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1 n.3, 2º sem 1996

PAIM, M. C. C. Voleibol, que fatores motivacionais levam a sua prática?

Revista Digital, Buenos Aires, v.09 n 61, Jun. 2003

PUJALS, C.; VIEIRA, L.F. Análise dos fatores psicológicos que interferem no comportamento dos atletas de futebol de campo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.13 n.01, p.89-97, 2002

REBELO JR, S. L. **Desvendar os segredos da interação**: a vitória para um campeão: um estudo sobre as influências psicológicas nos esportes.

REBUSTINI, F.; CALABRESI, C. A. M.; SILVA, A. B; MACHADO, A. A. Efeito imediato de duas semanas de treinamento sobre os estados de humor em jovens voleibolistas do sexo feminino. **Revista Digital**, Buenos Aires, v.10 n.80, jan. 2005

ROCHA, R. G. P. Torcida 1 x 0 atletas: a influência do público espectador no rendimento dos atletas. **A influência do publico no rendimento**. Out. 2004. Disponível em: < <http://www.interagir.com.br/publicacoes.asp?cod=4>>. Acesso em: 11 de junho de 2011

RUBIO, K. **Psicologia do esporte** – teoria e prática. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1ª edição, 2003

SERPA, S. O psicólogo e a intervenção no desporto. **Revista Horizonte**. Lisboa, v. 9 n. 53, p. 187-192, jan-fev, 1993.

STEFANELLO, J. M. F. Fatores perturbadores da concentração: um estudo de caso com campeões olímpicos do vôlei de praia. **Revista brasileira de Educação Física Especializada**, São Paulo, v.21, n.2, p.121-33, abr./jun. 2007